

## Lóczy: o impacto decisivo da prevenção sobre todo o futuro da criança

Bernard Martino

Enquanto cineasta, tive a sorte de vivenciar duas experiências que me marcaram profundamente.

A primeira remonta a 1973, foi meu primeiro encontro com Bruno Bettelheim, que também foi meu primeiro encontro com o autismo e o sofrimento mental das crianças. Um choque emocional.

A segunda, dez anos mais tarde, em 1983, foi descobrir em Budapeste, na Hungria, um pequeno abrigo de funcionamento insólito, aberto em 1946 por uma pediatra húngara, Emmi Pikler, de quem eu ignorava a existência. Um abrigo rebatizado com o nome de Lóczy, nome da ruazinha em que ainda fica, onde, infelizmente, é provável que não fique por muito tempo.

Bruno Bettelheim, só revi duas vezes: uma, para apresentar o filme que lhe era dedicado; outra vez, pouco tempo antes do seu suicídio. Dele, guardo a lembrança de uma figura fora do comum, de um grande vulto da psicanálise. Vivenciei cada frase por ele pronunciada como uma lição fundadora, que ficou profundamente gravada em minha memória.

Embora eu por pouco tenha perdido a possibilidade de conhecer pessoalmente Emmi Pikler quando cheguei a Budapeste – por estar doente, acabara de passar a direção do seu instituto para Judit Falk, sua mais antiga e fiel colaboradora – meu descobrimento de Lóczy e do tratamento que ali era dado às crianças foi o marco de uma adesão imediata e inteira. Ali também foi um choque, porém, mais a nível de consciência, do "mental".

A despeito de as crianças na instituição serem órfãs, abandonadas pelos pais ou colocadas pela justiça por terem sofrido graves negligências ou sevícias, naquele lugar não se tangia a corda da sensibilidade. Dirigiam-se prioritariamente à inteligência da gente, convidavam você, pelo menos inicialmente, a compreender mais do que sentir.

É fato que as explicações fornecidas por Judit Falk, os cuidados que vi sendo administrados pelas cuidadoras, a calma do lugar, a beleza das crianças pareceram-me formar um conjunto coerente, colocado sob o signo da mais completa evidência. "Essas pessoas pensam e tratam os recém-nascidos, os bebês e as crianças a elas confiadas como deveriam ser tratados os recém-nascidos, os bebês e as crianças no mundo inteiro", pensei.

Quando vi o respeito, em todos os minutos, como eram tratadas essas crianças, de que atenção eram objeto em cada gesto, cada palavra, eu me esqueci de sentir pena delas e, ao compará-las conosco, ao lembrar, talvez, do "Love is not enough" de Bettelheim, fui repentinamente invadido pela convicção de que crianças tratadas dessa maneira não tinham algo a menos, tinham algo a mais.

Estava exagerando, claro. Nada substitui o amor de uma "mãe suficientemente boa", para usar essa tantas vezes citada expressão de Winnicott. Mas quem vir uma vez imagens de uma cuidadora loczyana cuidando de um bebê entenderá, sem precisar de mais palavras, o que senti na época.

A outra coisa que fascina, de saída, é a simplicidade (aparente) da estratégia loczyana, a inteligência subversiva com que eram resolvidos os problemas de organização da vida coletiva, nunca resolvidos a contento em outras instituições.

Enquanto em outros lugares os pupilos arrastavam vida afora carências insuperáveis que os atiravam aos piores desmandos, a passagens à ação muitas vezes violentas, às vezes criminosas, os adultos egressos do Instituto Pikler não eram vítimas de qualquer carência, não sofriam com qualquer seqüela relacionada com a passagem por uma instituição. Ao contrário, eram todos eles adultos, embora fragilizados por um ferimento original, que poderiam ser qualificados como fundamentalmente "resilientes", para usarmos uma terminologia atual.

Desde minha primeira visita, voltei muito freqüentemente a Lóczy. Estive lá ainda neste verão. Por quê? Porque penso que o Instituto Pikler, hoje ameaçado de desaparecer, é um "alto-lugar de humanidade" que a UNESCO deveria, se devidamente inspirada, reconhecer como tal. E também porque considero que as mulheres que ali trabalham são experts de nível mundial no que poderia, no que deveria ser a relação adulto/criança em sua excelência. Mulheres depositárias de um saber excepcional, que se dissolveira se o Instituto fosse fechado – o que seria uma perda imensa para todos nós.

Para convencer-se, não é preciso acreditar nestas palavras. Dezenas de horas de filmagem estão à disposição para provar o que digo. Imagens que suscitem resistências inevitáveis e mal-entendidos previsíveis, de tanto mostrar a extrema singularidade da abordagem, do caráter profundamente original dos princípios aplicados por Emmi Pikler. Imagens essas que suscitam um debate, ao qual seria vão furtar-se.

Mas vale a pena: trata-se de afirmar, na base de uma experiência concreta, com 65 anos de existência, o impacto decisivo da prevenção sobre todo o futuro de qualquer criança. Uma prevenção que assenta na importância dada à relação na hora dos cuidados, no respeito do ritmo do bebê e da criança, no respeito de sua liberdade de movimentar-se e empreender, no fato de considerá-lo, em qualquer circunstância, inclusive logo ao nascer, um parceiro cuja cooperação se deve granjear.

Sempre senti em Lóczy algo que não senti em nenhum lugar, salvo talvez junto a Bettelheim: a impressão de que crianças, assim tratadas, jamais poderiam tornar-se racistas, estupradores ou assassinos, vindo a ser, pelo contrário, indivíduos mais civilizados que muitos de nós.

Bernard Martino,  
Setembro de 2011

Bernard Martino é autor do documentário Lóczy, uma casa para crescer e da série para TV O Bebê é uma pessoa.